

Variáveis socioeconômicas e demográficas associadas a autorrelato de violência doméstica durante o “Fique em casa!”: estudo transversal com amostra de uma comunidade universitária

Cremildo João Baptista¹  Josenaide Engracia dos Santos²  Andrea Donatti Galassi² 

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Coxim/MS, Brasil.

²Universidade de Brasília – UnB. Brasília/DF, Brasil.

E-mail: josenaidepsi@gmail.com

Resumo

Este estudo teve como objetivo estimar a frequência e identificar variáveis socioeconômicas e demográficas associadas ao autorrelato de violência doméstica durante as medidas de distanciamento social decorrentes da pandemia da COVID-19 em uma comunidade universitária. Trata-se de estudo transversal com amostra de conveniência online. Estudantes, técnicos administrativos e professores eram elegíveis ao estudo. A participação consistiu em responder a um questionário autoaplicável com questões sociodemográficas e da vivência da pandemia. Foram calculadas frequências absolutas e relativas e comparadas as proporções nas variáveis categóricas pelo teste Qui-Quadrado. Estimaram-se razões de chances via regressão logística para identificar os fatores associados ao autorrelato de violência doméstica durante o distanciamento social. De julho a agosto de 2020, 2.629 participantes responderam ao questionário. A maioria era do sexo feminino (57%), solteira (67%), branca (55%) e com até 29 anos de idade (62%). O autorrelato de violência doméstica esteve associado ao nível fundamental/médio (RCaj.: 2,80; IC95%: 1,60 – 5,50), ao nível de graduação (RCaj.: 2,20; IC95%: 1,20 – 4,40), ao sexo feminino (RCaj.: 1,60; IC95%: 1,20 – 2,20) e a ser solteiro (RCaj.: 1,60; IC95%: 1,10 – 2,40). O enfrentamento da violência, especialmente contra as mulheres, pessoas solteiras e com baixa escolaridade, deve ser construído a partir de uma base intersetorial e em rede, envolvendo ações emancipatórias, cuidado, proteção, assistência psicossocial e capacitação profissional.

Palavras-chave: Violência Doméstica. Violência contra a Mulher. Pandemia por COVID-19. Distanciamento Social.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou, no dia 30 de janeiro de 2020, situação de Emergência em Saúde Pública de Interesse Internacional pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, causador da doença COVID-19, que, por ter se disseminado rapidamente por todos os continentes¹, caracterizou-se como pandemia. Entre as principais medidas para

evitar a propagação dessa doença, o distanciamento social foi adotado como recomendação central em quase todos os países, inclusive no Brasil, e se mostrou eficaz na redução das taxas de novas infecções pela doença². No entanto, tais medidas favoreceram o aumento e o agravamento de situações de violência doméstica³.

Souza e Farias⁴ afirmam que, no Brasil, o contexto de isolamento social imposto pela pandemia da COVID-19 contribuiu para o agravamento de um fenômeno social já existente, revelando a difícil realidade de que algumas mulheres brasileiras não estão seguras dentro das próprias casas. Desse modo, o slogan “*Fique em casa!*” tornou-se paradoxal com o aumento subsequente de casos de violência doméstica durante as medidas de distanciamento social, em que os autores de violência encontraram ambiente para pressionar, ameaçar ou controlar as mulheres nas situações de violência⁵⁻⁷.

Esse contexto pode guardar relação com o aumento de registros policiais de violência doméstica, tomando como exemplo a China, os registros desse tipo de violência triplicaram durante a pandemia⁸.

No Brasil, o número de ligações para denúncia de violência contra a mulher aumentou 9% com o distanciamento social e parte dessas denúncias não foi concretizada em boletins de ocorrência⁹. O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MM-FDH), em parceria com a Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), declarou que, nos meses de fevereiro, março e abril de 2020, o número de denúncias de violência doméstica teve aumento de 14,12%, em comparação com o mesmo período de 2019¹⁰.

A cobertura da mídia e relatórios de organizações que monitoram a violência contra

as mulheres revelam quadro alarmante de aumento de relatos de violência durante a pandemia da COVID-19¹¹. Pesquisadores da Tunísia demonstraram que a violência contra as mulheres aumentou significativamente durante o “*Fique em casa!*” (de 4,4% para 14,8%), sendo o abuso psicológico o tipo de violência mais frequente (96%)¹². A incidência de violência doméstica é moldada por diversos fatores dos contextos social, econômico e cultural, e se estende a todos os segmentos demográficos.

Uma análise bibliométrica sugeriu que a idade, o estado civil, a escolaridade, a situação de pobreza, a história familiar de violência, entre outros, estão implicados na violência doméstica¹³. Estudo mostrou que mulheres consideradas jovens e adultas jovens, em idade reprodutiva, com vida sexual ativa, com ensino fundamental, solteiras, renda mensal familiar inferior a R\$1.000,00, e que tinham mais de 3 filhos, sofreram mais violência na pandemia¹⁴.

Portanto, a influência dessas variáveis na incidência de violência doméstica pode exercer impacto significativo em momentos como a pandemia. Diante disso, o presente estudo teve como objetivo estimar a frequência de autorrelato de violência doméstica e identificar variáveis socioeconômicas e demográficas associadas a esse autorrelato durante as medidas de distanciamento social devido à COVID-19 em uma comunidade universitária.

MÉTODOS

TIPO DE ESTUDO, POPULAÇÃO E AMOSTRAGEM

Trata-se de estudo transversal com amostra de conveniência, obtida online, em uma comunidade universitária de uma universidade pública federal brasileira. A população de estudo, distribuída em dez campi universitários,

era de aproximadamente 23.000 estudantes (20.449 estudantes de graduação e 2.424 estudantes de pós-graduação) e 3.300 servidores (1.807 servidores técnicos administrativos e 1.491 servidores docentes). A população universitária encontrava-se em regime de distanciamento físico e social, com trabalho

e ensino remotos de emergência (TERE) em decorrência da pandemia. Foram elegíveis para a presente pesquisa estudantes matriculados em cursos de graduação ou de pós-graduação, técnicos-administrativos e docentes formalmente vinculados à Universidade, com pelo menos 18 anos de idade no momento da pesquisa e que registraram online o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Não se determinou, a priori, o tamanho de amostra, mas foi delimitado o período de 45 dias para a coleta de dados.

COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi realizada online via questionário eletrônico autoaplicável. Elaborou-se o questionário no Google Forms, o qual foi disponibilizado no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), no Sistema de gestão acadêmica (Siscad), nas mídias sociais e no newsletter da universidade. O questionário era constituído por questões não validadas elaboradas pelos pesquisadores e por perguntas obtidas de outros estudos. A pesquisa foi amplamente divulgada pelas redes sociais e na comunidade universitária. O questionário eletrônico foi disponibilizado na internet por 45 dias, de 10 de julho a 24 de agosto de 2020.

DESFECHO E COVARIÁVEIS DE INTERESSE

A variável dependente foi violência doméstica durante o distanciamento social. Para a sua obtenção, os participantes responderam à seguinte pergunta: “Durante o distanciamento social, você sofreu algum tipo de violência (doméstica, de gênero, psicológica, verbal, etc.)?”, com opções de respostas exaustivas e mutuamente exclusivas (Não/Sim). A escolaridade foi indicada pelos respondentes como o maior nível concluído entre as opções: Ensino fundamental, Ensino médio, Graduação, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado. Os

participantes responderam, ainda, a questões como sexo, idade, estado civil, filhos, raça/cor de pele autorrelatada, entre outras.

ANÁLISE DE DADOS

Categorizou-se a escolaridade em Ensino fundamental/médio, Graduação e Pós-Graduação. Calcularam-se as frequências relativas das respostas à variável dependente, de acordo com as categorias das variáveis independentes. Compararam-se as frequências relativas pelo teste não paramétrico Qui-Quadrado de Pearson ou, quando indicado, pelo teste exato de Fisher com alfa 0,05. O poder amostral, *a posteriori*, para testar a hipótese de associação entre violência doméstica e escolaridade foi de 0,99, considerando os graus de liberdade baseados nas categorias das variáveis dependente e independente e no nível de significância (alfa) de 0,05. Para mensurar a associação entre o desfecho e as variáveis independentes, estimaram-se razões de chances (RC) e respectivos intervalos de confiança de 95% (IC 95%) via regressão logística binária. Para se obter modelo parcimonioso, não foram incluídas, no modelo final, as variáveis idade, raça/cor de pele, filhos e situação de moradia, uma vez que não mantiveram associação com o desfecho. A razão de chances do efeito de cada variável independente foi ajustada pelas demais variáveis presentes no modelo. O ajuste do modelo final foi avaliado pelo teste de Hosmer e Lemeshow.

ASPECTOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa e o respectivo TCLE foram avaliados e aprovados pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), CAAE: 30651820.4.0000.0008 e Parecer nº 3.971.653 de 2020. Os participantes que concordaram em responder ao formulário registraram TCLE e foi recomendado que baixassem uma via do Termo em .pdf.

RESULTADOS

A amostra final teve 2.629 participantes, após exclusão de duplicidades, formulários incompletos e com TCLE sem registro. A prevalência de violência doméstica autorreferida foi de 7,9%. A idade média dos participantes foi 26,3 anos (desvio-padrão [dp]=10,6 anos), e a maioria dos respondentes era do sexo feminino (57%), auto-declarada branca (55%), estudante (81,7%), solteira (67%) e 85,6% moravam acompanhados (Tabela 1).

Na análise bivariada, a violência doméstica autorreferida esteve associada ao sexo dos participantes (p-valor=0,003), faixa etária (p-valor<0,001), filhos (p-valor<0,001), escolaridade (p-valor<0,001), estado civil (p-valor<0,001) e tipo de vínculo com a universidade (p-valor<0,001). Não houve associação com raça/cor de pele (p-valor=0,876) e com situação de moradia (0,879).

Na análise multivariada, os efeitos gerais das

variáveis independentes que mantiveram associação com violência doméstica foram: escolaridade (X²= 11,71; gl.= 2; p-valor=0,003), sexo (X²= 9,29; gl.= 1; p-valor=0,002) e estado civil (X²= 6,470; gl.= 1; p-valor=0,01). Em comparação aos participantes com pós-graduação, as chances de reportar violência doméstica entre os participantes com ensino fundamental/médio foram 2,8 vezes maiores (IC95%: 1,60 – 5,55) e, entre aqueles com graduação, foram 2,17 vezes maiores (IC95%: 1,56 – 4,36). As mulheres tiveram chances 1,6 vezes maior (IC95%: 1.19 – 2.17) de relatar violência doméstica durante as medidas de isolamento social em comparação aos homens. O estado civil solteiro apresentou chances 1,61 vezes maior (IC95%: 1.13 – 2.35) do que as chances dos casados ou em relacionamentos estáveis de reportar violência doméstica durante o isolamento social por causa da COVID-19 (Tabela 2).

Tabela 1 - Perfil e prevalências de relato de violência doméstica na amostra da comunidade universitária durante o isolamento social segundo características sociodemográficas, julho a agosto, Mato Grosso do Sul, 2020.

Característica	n (%)	Sofreu algum tipo de violência doméstica?		p-valor
		Não	Sim	
Sexo				
Feminino	1.498 (57,0)	1.358 (90,7)	140 (9,3)	0,002
Masculino	1.131 (43,0)	1.060 (93,9)	69 (6,1)	
Idade (18 a 68 anos, mediana = 26,3 anos)				
Até 29 anos	1.628 (62,0)	1.467 (90,1)	161 (9,9)	<0,001
30 a 49	815 (31,0)	771 (94,6)	44 (5,4)	
≥50 anos	184 (7,0)	180 (97,8)	4 (2,2)	
Raça/cor				
Branco	1.447 (55,0)	1.333 (92,1)	114 (7,9)	0,876
Preto/Pardo	1.074 (40,9)	987 (92,1)	85 (7,9)	
Amarelo/Indígena	108 (4,1)	98 (90,7)	10 (9,3)	
Estado civil				
Solteiros e afins	1.762 (67,0)	1.594 (90,5)	167 (9,5)	<0,001
Casados e afins	867 (33,0)	824 (95,2)	42 (4,8)	

continua...

...continuação tabela 1

Característica	n (%)	Sofreu algum tipo de violência doméstica?		p-valor
		Não	Sim	
Filhos				
Não	1.864 (70,9)	1.692 (90,8)	172 (9,2)	<0,001
Sim	765 (29,1)	726 (95,2)	37 (4,8)	
Escolaridade				
Fundamental/Médio	1.584 (60,3)	1.431 (90,3)	153 (9,7)	<0,001
Graduação	644 (24,5)	598 (93,1)	44 (6,9)	
Pós-graduação	401 (15,3)	389 (97,0)	12 (3,0)	
Tipo de vínculo com a Universidade				
Estudante	2.148 (81,7)	1.952 (90,9)	196 (9,1)	<0,001
Técnico administrativo	288 (11,0)	186 (96,9)	6 (3,1)	
Docente	193 (7,3)	280 (97,6)	7 (2,4)	
Você mora:				
Acompanhado(a)	2.250 (85,6)	2.068 (92,0)	181 (8,0)	<0,001
Sozinho(a)	379 (14,4)	349 (92,6)	28 (7,4)	

Tabela 2 - Fatores associados ao relato de violência doméstica durante o isolamento social em uma comunidade universitária, Mato Grosso do Sul, 2020.

Fator	Rcaj. (I.C 95%)	p-valor
Sexo		
Masculino	1,00	0,002
Feminino	1,60 (1,19 – 2,17)	
Escolaridade		
Fundamental/Médio	2,84 (1,59 – 5,55)	< 0,001
Graduação	2,17 (1,16 – 4,36)	0,021
Pós-graduação	1,00	
Estado civil		
Casados	1,00	0,011
Solteiros	1,61 (1,13 – 2,35)	

Teste de Hosmer e Lemeshow: $X^2 = 2,7754$, p-valor = 0,735

DISCUSSÃO

No presente estudo, identificaram-se variáveis sociodemográficas associadas ao autorrelato de situações de violência doméstica durante as medidas de distanciamento social decorrentes da pandemia de COVID-19. A amostra foi composta predominante por mulheres (57%), estudantes (81,7%) e por solteiros (67%). A pre-

valência de situações de violência doméstica autorreferida foi de 7,9%, o que sugere impacto negativo das medidas de distanciamento social. As organizações voltadas ao enfrentamento da violência doméstica observaram aumento da violência por causa da coexistência forçada, do estresse econômico e de temores sobre o

coronavírus¹⁵. Nesse cenário, a pandemia pode ter potencializado e precipitado situações de violência doméstica, quando comparado ao período anterior à COVID-19¹⁶. Provavelmente, a pandemia aumentou o tempo de convívio intradomiciliar, ampliando possibilidades de tensões interpessoais e, conseqüentemente, chances de ocorrência de situações de violência¹⁵.

No Brasil, ocorreu aumento de denúncias de violência contra a mulher durante o distanciamento social^{9,10}, no entanto, as estatísticas sobre violência doméstica durante o isolamento social podem ter sido subestimadas, tanto pelo maior controle exercido pelas pessoas autoras da violência dentro do domicílio quanto pela mudança e/ou redução da disponibilidade de serviços, pelo medo de contágio nas delegacias ou outros serviços de atendimento às pessoas em situações de violências.

O fenômeno social do gênero faz dos corpos femininos objetos de múltiplas violências, e o cenário da pandemia contribuiu para potencializar tais situações. Neste estudo, ficou evidenciado que o autorrelato de situações de violência durante a pandemia está associado ao sexo feminino, com as mulheres tendo 1,6 vezes mais chance de relatar violência doméstica, o que não é novidade, mas a pandemia da COVID-19 exacerbou estes problemas, reforçados por modelos de pensamentos retrógrados, misóginos, demandando novas formas para se enfrentar, de maneira mais justa, a violência no contexto da pandemia¹⁶.

O estado civil também está relacionado a situações de violência doméstica. Entre os solteiros, houve maior frequência de autorrelato de situações de violência doméstica do que entre os casados. Para Moura, Neto e Souza¹⁷, é difícil afirmar que os solteiros são o grupo realmente mais afetado, considerando que pessoas casadas, particularmente as mulheres, vivenciam situações de violência doméstica sem registrá-las, pela dependência a que podem estar submetidas¹⁷.

O predomínio de autorrelato de situações de violência doméstica entre os participantes com nível fundamental sugere desigualdades sociais infligidas pela educação e que acarretam desvantagens sociais, como a vivência de situações de violência. Isso pode estar relacionado ao fato de pessoas com menor escolaridade terem menos acesso à informação, menor empoderamento e menos conhecimento sobre seus direitos¹⁸. Contudo, não é uma relação direta, pois as mulheres de diferentes classes sociais, com alta ou baixa escolaridade, podem viver situações de violência¹⁸. No entanto, a diferença na escolaridade pode gerar conseqüências na empregabilidade e na renda das mulheres que sofrem violência, impedindo que elas abandonem o lar, apesar de sofrerem violências.

Os trabalhadores da Universidade da categoria técnico-administrativo apresentaram maior frequência de situações de violência doméstica autorreferida. Estudo de Salazar *et al.*¹⁹ mostrou que os maiores escores de estresse durante a pandemia foram encontrados entre trabalhadores técnico-administrativos do sexo feminino. Embora as evidências a respeito dos impactos do isolamento sobre a violência doméstica sejam incipientes, notícias divulgadas na mídia e relatórios de organizações internacionais apontam para o aumento desse tipo de violência²⁰.

Nesse sentido, mulheres, solteiras e com menos escolaridade reportam mais frequentemente situações de violência doméstica no Brasil. No presente estudo, a alta frequência de autorrelato de violência doméstica nesses grupos sociais, atrelado ao contexto de isolamento social, pode ser explicado por diversos fatores, entre eles a ampliação da margem de ação dos homens para a manipulação psicológica das mulheres e o maior tempo de convivência no mesmo ambiente domiciliar que pode ter se tornado gatilho para ações e atitudes violentas durante a pandemia¹⁶.

Esses resultados corroboram os achados de outras pesquisas, como as observações de

Yohannes e colaboradores²¹. Por exemplo, mulheres com ensino fundamental eram a metade das pessoas atendidas pelas Delegacias de Atendimento à Mulher com queixas de violência doméstica.

No contexto brasileiro, as relações desiguais de poder entre os sexos, a escolaridade e a ocupação, associadas ao padrão sociocultural que trivializa o machismo e a opressão, dificultam o reconhecimento pelas mulheres das diversas situações de violência por elas vivenciadas. A limitação na identificação das situações de violência afeta todas as classes e segmentos sociais, entretanto, penaliza mais as mulheres solteiras e com menor nível de escolaridade e aquelas que, predominantemente, vivem em dependência socioeconômica e/ou emocional do cônjuge. Entretanto, mulheres solteiras mais jovens têm provocado ruptura histórica que leva a questionamentos estruturais entre os sexos, o que pode desencadear situações conflituosas e culminar em diversas formas de violência²², que ocorrem predominantemente em ambiente privado.

A identificação de variáveis socioeconômicas e demográficas associadas ao autorrelato de situações de violência doméstica em momentos de crise, como a da pandemia de COVID-19, é fundamental para traçar estratégias de enfrentamento da violência doméstica, a qual pode ter diversas consequências negativas para a pessoa

em situação de violência. A qualificação das evidências permite a promoção da saúde e do bem-estar, incluindo a prevenção de forma mais efetiva das diversas formas de violência, com foco nos direitos humanos.

O presente estudo é de desenho transversal, que não permite determinar a direção causal, no entanto, seu objetivo foi identificar variáveis associadas ao autorrelato de violência. Na perspectiva da multicausalidade, diversos fatores podem determinar a ocorrência de situações de violência doméstica durante momentos de crise e, neste estudo, não foram explorados múltiplos fatores, como consumo de bebidas alcoólicas, de drogas, saúde mental prévia ou decorrente da pandemia, entre outros. Os achados devem ser interpretados com cautela apesar do tamanho da amostra e a sua representatividade em relação à comunidade universitária, proporcionalmente similar à população em diferentes estratos (sexo, campus, tipo de vínculo com a universidade, grau de escolaridade).

Por fim, as comparações do presente estudo são limitadas pela falta de pesquisas e dados anteriores sobre violência doméstica na comunidade universitária estudada ou em outras comunidades universitárias e não foi perguntado aos participantes sobre violência doméstica na vida pregressa, antes da instituição das medidas de isolamento social.

CONCLUSÃO

No presente estudo, foram identificadas variáveis socioeconômicas e demográficas associadas ao autorrelato de violência doméstica durante as medidas de distanciamento social instauradas em virtude da pandemia de COVID-19. Ser mulher, ser solteiro e ter ensino fundamental/médio ou graduação (em comparação a ter pós-graduação), aumentaram independentemente as chances de reportar que sofreu violência doméstica. Os achados sugerem

que a situação de emergência de saúde pública não modificou o perfil e os determinantes de violência doméstica no cenário brasileiro. O contexto de isolamento social, ao colocar juntos por muito tempo e no mesmo ambiente domiciliar os membros do agregado familiar, pode ter criado tensões e gatilhos que desencadearam ou aumentaram a frequência de casos de violência doméstica.

Conclui-se que o enfrentamento da violência

doméstica deve ser construído a partir de uma base intersetorial e em rede, envolvendo ações de caráter emancipatório, de cuidado e de proteção social, especialmente para mulheres solteiras e com baixa escolaridade. Tais medidas devem levar em conta o caráter excepcional dos momentos de crise, ampliando a oferta de

dispositivos de denúncia e de proteção e assistência, considerando que o quadro pode ter sido agravado pela própria pandemia. Outros determinantes de violência doméstica em contextos de emergências de saúde pública devem ser levados em consideração, e futuras pesquisas poderão elucidá-los.

Declaração do autor CRediT

Conceituação: Baptista, CJ; Santos, J.E. Metodologia: Baptista, CJ. Validação: Baptista, CJ. Análise estatística: Baptista, CJ; Galassi, AD. Análise formal: Baptista, CJ; Galassi, AD; Santos, J.E. Investigação: Baptista, CJ; Galassi, AD; Santos, J.E. Recursos: Baptista, CJ; Galassi, AD; Santos, J.E. Redação-preparação do rascunho original: Baptista, CJ; Santos, JE; Galassi, AD. Redação-revisão e edição: Baptista, CJ; Santos, JE; Galassi, AD. Visualização: Baptista, CJ; Santos, JE; Galassi, AD. Supervisão: Baptista, CJ; Santos, JE; Galassi, AD. Administração do projeto: Baptista, CJ; Santos, J.E.

Todos os autores leram e concordaram com a versão publicada do manuscrito.

REFERÊNCIAS

1. Organização Mundial da Saúde. Coronavirus Disease 2019 (COVID-19): Situation Report 63. Geneva: Organização Mundial da Saúde, 2021. Acesso em 21 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports>
2. Kissler SM, Tedijanto C, Goldstein E, Grad YH, Lipsitch M. Projecting the transmission dynamics of SARS-CoV-2 through the postpandemic period. *Science*. 2020; 43(1): eabb5793.
3. Aolymat I. A cross-sectional study of the impact of COVID-19 on domestic violence, menstruation, genital tract health, and contraception use among women in Jordan. *Am. J. Trop. Med. Hyg.* 2021; 104(2): 519-525.
4. Souza LJ, Farias RCP. Violência doméstica no contexto de isolamento social pela pandemia de covid-19. *Serv. Soc. & Soc.* 2022; 144; 213-232.
5. Neil J. Domestic violence and COVID-19: Our hidden epidemic. *Aust. J. Gen. Pract.* 2020; 49(25): 2047-2049.
6. Gearin M, Knight B. Family violence perpetrators using COVID-19 as “a form of abuse we have not experienced before”. [publicação na web]; 2020 acesso em 20 de junho de 2021. Disponível em: <https://www.abc.net.au/news/2020-03-29/coronavirus-family-violence-surge-in-victoria/12098546>
7. Godin M. As Cities Around the World Go on Lockdown, Victims of Domestic Violence Look for a Way Out. [publicação na web]; 2020 acesso em 20 de junho de 2021. Disponível em: <https://time.com/5803887/coronavirus-domestic-violence-victims>
8. Zhang, W. Domestic Violence Cases Surge During COVID-19 Epidemic. [publicação na web]; 2020 acesso em 17 de junho de 2021. Disponível em: <http://www.sixthtone.com/news/1005253/domestic-violence-cases-surge-during-covid-19-epidemic>
9. Okabayashi NYT, Tassara IG, Casac MCG, Falcão MA, Bellini. Violência contra a mulher e feminicídio no Brasil - impacto do isolamento social pela COVID-19. *Braz. J. Hea. Rev.* 2020; 3(3): 4511-4531.
10. Brasil. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres. Ofício-circular n. 1/2020/dev/snpm/mmfhd. Recomendações em relação às ações de enfrentamento à violência contra meninas e mulheres no contexto da pandemia de COVID-19, 2020. [publicação na web]; 2020 acesso em 20 de junho de 2021. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/marco/ministerio-recomenda-que-organismos-de-politicas-para-mulheres-nao-paralisem-atendimento/SEI_MDH1136114.pdf
11. Roesch E, Amin A, Gupta J, García-Moreno C. Violence against women during covid-19 pandemic restrictions. *BMJ*. 2020 May 7;369:m1712.
12. Sediri S, Zgueb Y, Ouanes S, Ouali U, Bourgou S, Jomli R, Nacef F. Women's mental health: acute impact of COVID-19 pandemic on domestic violence. *Arch Womens Ment Health*. 2020 Dec;23(6):749-756.
13. Martins AG, Nascimento ARA. Violência doméstica, álcool e outros fatores associados: uma análise bibliométrica. *Arq. Bra. Psic.* 2017; 69(1): 107-121
14. Santana MS, Santos RS, Barreto ACM, Mouta RJO, Borges SCS. Covid-19: vulnerabilidade feminina e violência física. *Rev enferm UERJ*. 2022; 30:e65076.
15. Suíça. Global Rapid Gender Analysis for Covid-19 [Internet]. Care International / International Rescue Committee; 2020 [acesso em 5 de abril de 2020]. Disponível em: https://www.care-international.org/files/files/Global_RGA_COVID_RDM_3_31_20_FINAL.pdf
16. Vieira PR, Garcia LP, Maciel ELN. The increase in domestic violence during the social isolation: What does it reveals? *Rev.*

Bra. Epidemiol. 2020; 23; e200033.

17. Moura MAV, Netto LA, Souza MHN. Perfil sociodemográfico de mulheres em situação de violência assistidas nas delegacias especializadas. Esc. Anna Nery. 2012; 16(3): 435-442.

18. Martins JC, Teixeira EC. Determinantes da violência doméstica contra a mulher no Brasil. Pesquisa e planejamento econômico - PPE [revista em Internet]. 2020; acesso em 25 de janeiro de 2021; 50 (2): 137-168. Disponível em: <https://ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/viewFile/2034/1307>

19. Salazar A, Palomo-Osuna J, Sola H, Moral-Munoz JA, Dueñas M, Failde I. Impacto psicológico do bloqueio devido à pandemia de COVID-19 em trabalhadores universitários: Fatores relacionados ao estresse, ansiedade e depressão. Int. j. environ. res. public health [revista em Internet]. 2021; 18(8): 4367. doi: 10.3390/ijerph18084367

20. Peterman A, Potts A, O'Donnell M, Thompson K, Shah N, Oertelt-Prigione S, et al. Pandemics and Violence Against Women and Children [Internet]. Center For Global Development; 2020 [acesso em 28 de março de 2020]. Disponível em: <https://www.cgdev.org/sites/default/files/pandemics-and-violence-against-women-and-girls.pdf>

21. Yohannes K, Abebe L, Kisi T, Demeke W, Yimer S, Feyiso M, Ayano G. The prevalence and predictors of domestic violence among pregnant women in Southeast Oromia, Ethiopia. Reprod Health. 2019; 16(1): 37. doi: 10.1186/s12978-019-0694-9

22. Santos IB, Leite FMC, Amorim MHC, Maciel PMA, Gigante DP. Violência contra a mulher na vida: estudo entre usuárias da Atenção Primária. Ciênc. Saúde Colet. 2020; 25(5): 1935-1946.

Recebido: 06 abril 2022.

Aceito: 09 fevereiro 2023.

Publicado: 27 março 2023.